

## **Renata Leite: uma paraibana na arbitragem de futsal da FIFA**

Renata Leite: A Woman from Paraíba in the Futsal Arbitration of FIFA

**Christiane Garcia Macedo**

Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina/PE, Brasil  
Doutora em Ciências do Movimento Humano, UFRGS  
christiane.macedo@univasf.edu.br

**Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima**

Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia, Senhor do Bonfim/BA, Brasil  
Mestra em Educação Física, UNIVASF/PE

**Joelzio dos Santos Oliveira**

Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, Petrolina/PE, Brasil  
Mestrando em Educação Física, UNIVASF

**RESUMO:** Renata Neves Leite, instrutora da Confederação Sul-americana de Futebol, ex-árbitra de futsal da Confederação Brasileira de Futebol de Salão e da Federação Paulista de Futsal e primeira mulher a arbitrar um Campeonato Mundial de Futsal Masculino. É nordestina, da cidade de Monteiro, na Paraíba. O objetivo deste estudo é analisar sua trajetória esportiva como árbitra de futsal, sua formação, sua atuação e sua representatividade no esporte. Para tanto, utilizamos, como fonte, documentos de seu acervo pessoal e cinco entrevistas de História Oral. Sua trajetória única traz reflexões acerca do combate a preconceitos ainda existentes, da atuação das mulheres no esporte e da importância de sua representatividade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futsal; Mulher; Árbitra; Biografia.

**ABSTRACT:** Renata Neves Leite, instructor of the South American Football Confederation, former futsal referee of the Brazilian Indoor Football Confederation and the São Paulo Futsal Federation, and the first woman to referee in a Men's Futsal World Championship, is a northeastern Brazilian from the city of Monteiro in Paraíba. The purpose of this study is to analyze her sports career as a futsal referee, her education, her performance and her representativeness. To do so, we used documents from her personal archive and five Oral History interviews as sources. Her unique trajectory inspires reflections on the fight against prejudices that still exist, the role of women in sports and the importance of representation.

**KEYWORDS:** Futsal; Woman; Referee; Biography.

## INTRODUÇÃO

Então o preconceito que vem de fora e principalmente o preconceito que vem, às vezes, de dentro do nosso ambiente é... eu acredito que é a maior barreira que eu enfrento todos os dias. Não é uma questão de que: “Ah, enfrentei, passou e acabou”. *Não!* Eu ainda continuo enfrentando isso.<sup>1</sup>

A arbitragem nos esportes, especialmente nos de quadra,<sup>2</sup> poucas vezes, encontra-se nas discussões centrais no âmbito acadêmico. Em competições esportivas, trata-se de posição decisiva e de comando, na qual a presença de mulheres, nem sempre, é bem-vista. Mesmo assim, elas estão presentes nesse universo, como é o caso da nordestina Renata Neves Leite, nascida na cidade de Monteiro, na Paraíba, em 14 de maio de 1976.

Atualmente, Renata atua como instrutora da Confederação Sul-americana de Futebol<sup>3</sup> (CONMEBOL), cuja função não lhe permite atuar como árbitra em partidas oficiais. Assim sendo, desligou-se, em dezembro de 2019, da Confederação Brasileira de Futebol de Salão – Futsal (CBFS) e da Federação Paulista de Futsal. Até atingir o posto de instrutora da CONMEBOL, Renata trabalhou, estudou e enfrentou desafios inerentes à profissão e ao ser mulher no esporte.

Nesse sentido, o objetivo deste texto é analisar a trajetória esportiva de Renata Neves Leite como árbitra de futsal, sua formação, sua atuação e sua representatividade. Para tanto, utilizamos, como fonte, documentos de seu acervo pessoal<sup>4</sup> e entrevistas de História Oral.<sup>5</sup> As entrevistas foram realizadas com

---

<sup>1</sup> LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 27. Referenciamos as entrevistas dessa forma, para padronizar. Sua referência completa encontra-se em listagem à parte, após as referências de textos acadêmicos.

<sup>2</sup> Afirmação baseada em estudo de revisão sobre arbitragem em esportes de quadra, ainda não publicado, do projeto de pesquisa “Mulheres nordestinas na arbitragem do futsal: institucionalização e trajetórias”, realizado em 2018-2019. O estudo encontrou apenas sete textos em oito revistas brasileiras da área e no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES).

<sup>3</sup> Entidade que também organiza competições de Futsal.

<sup>4</sup> Em relação ao uso de acervos pessoais como fonte, consideramos as discussões a partir de: HEYMANN. Indivíduo, memória e resíduo histórico; TOGNOLI, BARROS. As implicações teóricas dos arquivos pessoais: elementos conceituais.

<sup>5</sup> ALBERTI. O que documenta a fonte oral?; ALBERTI. Histórias dentro da História; e POLLAK. Memória e identidade social. O Projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de ética da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) sob o número de Protocolo CAAE: 01950818.4.0000.5196.

Renata, com dois dirigentes que acompanharam sua carreira (Paraguassu Figueiredo<sup>6</sup> e Inês dos Santos<sup>7</sup>) e com duas outras árbitras (Alane Lucena e Patrícia Menezes). Trata-se de um recorte de uma pesquisa maior sobre trajetórias de árbitras de futsal do nordeste, realizada em nível de mestrado, qual seja: “Mulheres Nordestinas na Arbitragem do Futsal: Institucionalização e Trajetórias”.<sup>8</sup>

O processamento das entrevistas deu-se conforme o Manual do Projeto Garimpendo Memórias, que prevê as seguintes etapas: convite, adaptação do roteiro a cada entrevistada, gravação digital, transcrição, copidesque, pesquisa de termos, revisão pelas entrevistadas,<sup>9</sup> revisão final, publicação.<sup>10</sup> Anteriormente às entrevistas, todas as entrevistadas foram informadas sobre os procedimentos de pesquisa e assinaram termos de consentimento de participação, identificação, uso de imagens e publicitação. As entrevistas foram realizadas entre abril e julho de 2019.

Para guiar nosso olhar e nossas análises, utilizamos as discussões da História Cultural,<sup>11</sup> dos Estudos Biográficos<sup>12</sup> e dos Estudos de Gênero.<sup>13</sup> É importante destacar que se trata de uma trajetória única, mas que revela aspectos socioculturais, especialmente para mulheres que atuam em cargos de comando e decisão nos esportes. Entendemos, pois, que as biografias podem interpretar personagens de forma crítica, revelando, em cada época, a relevância do protagonismo no cunho social.

Analisar o papel comportamental do indivíduo pode, assim, contribuir para os estudos dos esportes, valorizando o saber produzido pela narrativa da pessoa biografada, uma vez que,

---

<sup>6</sup> Diretor de Arbitragem da Confederação Brasileira de Futebol de Salão – Futsal.

<sup>7</sup> Ex-diretora do Departamento Técnico Feminino da CBFS na década de 2000.

<sup>8</sup> Nesta pesquisa, foram entrevistadas 11 árbitras nordestinas, além de Inês e Paraguassu.

<sup>9</sup> Neste momento, as entrevistadas poderiam complementar as informações e conferir a transcrição e a adaptação para o texto escrito.

<sup>10</sup> Site para consulta das entrevistas na íntegra: <http://garimpandomemorias.univasf.edu.br/>, coleção Futebol e Futsal de mulheres.

<sup>11</sup> PESAVENTO. *História e história cultural*; BURKE. *O que é história cultural?*.

<sup>12</sup> POSSING. *Biography: Historical*; BORGES. *Grandezas e misérias da biografia*; MACEDO; GOELLNER. *Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da Educação Física e esportes no Brasil*.

<sup>13</sup> LOURO. *Gênero, história e educação: construção e desconstrução*; GOELLNER. *Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história*; MOURÃO. *Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização*.

Ao visibilizar trajetórias de sujeitos e grupos que estão à margem daquilo que é identificado como oficial ou representativo de determinado contexto social, político, econômico e cultural, tal atitude poderá promover a construção de outras histórias evidenciando assim a pluralidade de discursos, práticas e representações que circulam no entorno destas áreas específicas.<sup>14</sup>

Compreender essas representações é falar do tempo marcado pelas desigualdades sociais, de aprendizados e de formação do conhecimento, bem como contar e refletir sobre a trajetória esportiva de Renata, para dar visibilidade ao futsal, à arbitragem e às mulheres nos esportes.

### **DO SER ATLETA À FORMAÇÃO COMO ÁRBITRA**

Muitas mulheres que atuam no futsal e no futebol tiveram, na sua infância, relação com esses esportes na convivência com meninos da família e/ou na escola. Não foi diferente com Renata, que explana sobre esse momento:

A minha infância, ela foi uma infância de toda criança criada no Nordeste, em cidade pequena. Sempre brinquei muito na rua e o irmão mais novo era um menino. Então a gente sempre brincou de bola na rua com a molecada da vizinhança, né, jogava bola em casa, na casa dos vizinhos e daí começou a nascer a paixão pelo esporte. Na escola, eu sempre pratiquei atividade física e me dava muito bem nessas práticas esportivas. Fui jogadora de handebol, de futsal, de voleibol, de basquete e eu tinha uma professora que se chamava Risomar<sup>15</sup> e ela incentivava bastante a prática esportiva, então eu sempre fazia questão de estar nas seleções da escola pra disputar as competições escolares ou do município mesmo; daí surgiu essa paixão, esse amor pelo esporte desde cedo.<sup>16</sup>

A família de Renata considerava os exercícios físicos uma prática saudável. O limite desse apoio era a dedicação aos estudos, pois: “Começava ser problema quando eu deixava de estudar para ir jogar bola [risos]. Aí eles não gostavam muito”.<sup>17</sup> Ela percebia alguns entraves em relação a outras pessoas, com uma ideia

---

<sup>14</sup> MACEDO; GOELLNER. Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da Educação Física e esportes no Brasil, p. 163.

<sup>15</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>16</sup> LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 2.

<sup>17</sup> LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 2.

de que futebol era “coisa pra homem”, mas, apesar disso, não tinha problemas para brincar com o irmão e amigos.<sup>18</sup>

Além do ambiente escolar, Renata também participava como atleta de escolinhas desportivas (futebol de campo, futsal e natação) no clube AABB, de Monteiro (PB), uma vez que sua mãe era funcionária do Banco do Brasil. Em 1995, começou a jogar futsal pela Seleção Universitária da Paraíba, na posição de goleira, e disputou os Jogos Universitários Brasileiros (JUB's), no Ceará, competição em que seu time conquistou o 2º lugar. Renata também competiu em vários outros eventos de Futsal e destaca, entre os principais resultados, os seguintes títulos: tricampeã potiguar (1996, 1997, 1998) e campeã brasileira, em 1998, em Guarapari (ES).<sup>19</sup> Nesse percurso como atleta, Renata precisou começar a trabalhar para se manter na prática esportiva e custear as viagens de competições.

Em 1997, iniciou seu caminho na arbitragem. Ao participar de uma edição do JUB's, em Santa Catarina, como atleta, Renata observou que havia duas árbitras de Brasília presentes no evento, Railda<sup>20</sup> e Jaqueline Camarota.<sup>21</sup> Foi, então, que se interessou pelo trabalho.

Sempre fui muito consciente assim, de que eu não seria uma atleta de alto rendimento a ponto de ter capacidade de jogar num clube fora da minha..., fora de meu estado ou poder vir brigar por alguma coisa aqui no Sul, Sudeste, que era onde se praticava futsal forte, né? E ali eu enxerguei a possibilidade de continuar dentro do esporte, mas sem tomar tanta bolada [risos].<sup>22</sup>

Ao ver as árbitras brasilienses apitando, Renata buscou informações com o coordenador do JUB's na época, Samuel Gobel, sobre como se chegava a esse posto. Identificou, assim, a necessidade de fazer um curso na Federação Paraibana de

---

<sup>18</sup> As informações sobre a trajetória de Renata que estão sem a citação de fontes foram retiradas de sua entrevista. Evitamos a repetição para dar mais fluidez ao texto.

<sup>19</sup> Renata não cita em sua entrevista o nome de outras equipes, mas também não foi possível identificá-las em seu acervo. Porém, além da equipe da AABB e da seleção Paraibana, Renata jogou por outras equipes menores.

<sup>20</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>21</sup> Em sua entrevista, Paraguassu Figueiredo também citou a árbitra Jaqueline, de Brasília, como uma das quatro primeiras árbitras de destaque nacionalmente, juntamente com Rita de Cássia, Renata e Alane.

<sup>22</sup> LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 06.

Futebol de Salão (FPFS).<sup>23</sup> Porém, naquele momento, a Federação encontrava-se fechada.<sup>24</sup> João Bosco Crispim<sup>25</sup> e Hérton Soares<sup>26</sup> tomaram conhecimento do interesse de Renata e, também, de Alane Lucena.<sup>27</sup> Esses senhores pediram que elas os procurassem quando voltassem a Paraíba.

No ano seguinte, 1998, Renata já iniciou sua atuação como árbitra na Copa Esporte Ação.<sup>28</sup>

E aí quando eu volto pra Paraíba, eu fui procurar esse senhor. Ai o Bosco me deu um par de cartões, um apito e um livrinho. “Vá pra casa, estude. Amanhã esteja no Colégio Tal, na hora tal...” Eu: “tá bom!” Aí eu fui. Aí ele chegou, sentei, aí ele fez: “Tem alguma dúvida?” Aí eu fiz: ah, eu anotei aqui algumas coisas. Aí a gente começou a conversar, ele tirou umas dúvidas, aí ele olhou pra mim, me deu uma camiseta branca com o patrocínio de uma escola escrita assim: “árbitra”. “Agora vai apitar!” Fiz: “você é louco?!” “Não, não sou não. É jogo de pequenos. Você vai apitar.” E aí eu fui apitar, né.<sup>29</sup>

Destacamos, nesse sentido, que Alane Lucena confirmou, em sua entrevista, esses acontecimentos e explicou que foi uma oportunidade do momento, quase uma coincidência. Ela e Renata estavam competindo nos Jogos e eram sempre muito curiosas para entender mais o esporte. Nas palavras de Alane:

quando a gente desembarcou do ônibus e [Bosco Crispim] disse assim: “Leiam. Qualquer coisa vocês me ligam e sábado vocês estejam lá no Esporte Clube Cabo Branco para vocês fazerem um jogo”. Foi um negócio assim, meio chocante, mas a gente empolgada, claro que topou! Foi lá, *duas loucas*<sup>30</sup> [risos], estudar minuciosamente aquilo ali e fomos para essa competição, né? E foi assim que a gente começou.<sup>31</sup>

<sup>23</sup> Neste texto, utilizaremos o termo “futsal” para nomear a modalidade. Porém, respeitamos os termos utilizados em nomes das federações e competições, documentos e falas das pessoas entrevistadas.

<sup>24</sup> A Federação Paraibana de Futsal estava fechada no período citado por questões administrativas e gerenciais junto à CBFS, por isso não poderia promover nenhum evento oficial – nem de competições e nem de formação de árbitros.

<sup>25</sup> Atual presidente da FPFS. No período, João Bosco era treinador da seleção paraibana masculina de futsal e estava na viagem feita para Santa Catarina, onde as seleções paraibanas (vôlei, futsal, handebol, basquete...) foram disputar jogos universitários. Renata estava nessa viagem como atleta da seleção feminina de futsal.

<sup>26</sup> Radialista que acompanhava os jogos.

<sup>27</sup> Alane Lucena, também paraibana, foi a primeira árbitra do quadro nacional do futsal, em 2000.

<sup>28</sup> A Copa Esporte Ação era uma competição promovida por João Bosco e por Hérton Soares, que acontecia em João Pessoa (PB), com categorias de até 17 anos e na tentativa de não deixar o futsal paraibano “morrer” enquanto a Federação encontrava-se fechada. Era uma competição particular que acontecia anualmente.

<sup>29</sup> LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 06-07.

<sup>30</sup> O itálico nos trechos das falas é para demonstrar a ênfase dada pelas entrevistadas às suas palavras, conforme definimos no Manual do Projeto Garimpando Memórias.

<sup>31</sup> LUCENA. Entrevista de Alane Lucena, p. 10.

No mesmo ano, a FPFS foi reaberta e ocorreu um curso de formação de oficiais de arbitragem de três dias (sexta, sábado e domingo), com o árbitro paulista Catarina.<sup>32</sup> Voltado para mulheres e homens, o curso aconteceu após a eleição de um novo presidente, motivado pelo fato de a Federação ter que voltar a funcionar e a promover eventos.<sup>33</sup> Nesse curso, formaram-se Renata, Alane, Mayara Crispim e mais duas mulheres que não seguiram na arbitragem do futsal.

Renata formou-se em um momento em que o futsal feminino não tinha muitas competições em sua região (Nordeste) – a maior parte delas ocorriam no Sul e Sudeste. Para se ter uma ideia, a Liga Nacional de Futsal,<sup>34</sup> competição de homens, criada em 1996, até o ano de 2019, havia tido, entre os finalistas e semifinalistas, apenas um time que não era das regiões Sul e Sudeste, o Goiás.<sup>35</sup> Outra competição, a Taça Brasil de Futsal Masculino, que ocorre desde 1968, na década de 1990, teve apenas dois times finalistas fora do eixo Sul-Sudeste: o Votorantim (PE) e o Banfort (CE).<sup>36</sup>

Nesse contexto, a Taça Brasil de Futsal Feminino teve seu início em 1992. Na década de 1990, identificamos apenas um time finalista fora do eixo Sul-Sudeste, o time Nordeste (RN). Esses dados mostram a dificuldade de formação e atuação enquanto árbitra na região Nordeste. Inês Santos<sup>37</sup> também comentou sobre essa dificuldade das árbitras da região, já que havia menos competições naquele momento, o que ainda hoje é realidade.

Para além da sua formação no futsal, Renata é graduada em Administração de Empresas e tem formação na arbitragem também para as modalidades futebol de campo, futebol de areia, futebol *society* e futebol de cinco. Ela ainda destaca que sempre está estudando e se aprimorando, ou seja, sua formação para o trabalho não terminou. Isso é reconhecido por companheiras de profissão como Patrícia Menezes: “Agora a Renata *come* a regra. A Renata sempre foi muito estudiosa de regra, sempre se preocupou muito com físico, sempre foi muito politicamente

---

<sup>32</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>33</sup> Não foi possível verificar a questão dos valores do curso, mas são geralmente acessíveis até os dias atuais.

<sup>34</sup> Ver mais em: <https://ligafutsal.com.br/>.

<sup>35</sup> A mesma competição para mulheres só ocorreu entre 2005 e 2014. Entre os finalistas e semifinalistas, teve apenas um time do Ceará.

<sup>36</sup> Não encontramos informações sobre os semifinalistas.

<sup>37</sup> SANTOS. Entrevista de Inês Santos, p. 22.

correta... Então, de fato, é diferenciada”.<sup>38</sup> Recentemente, por exemplo, tem investido no estudo do espanhol para atuação junto à CONMEBOL.

#### **TRABALHO: REALIZAÇÕES E DESAFIOS**

Renata Leite, resumidamente, atuou como árbitra pela Federação Paraibana de Futebol (FPF), pela Federação Paulista de Futsal, pela Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS) e pela Confederação de *Beach Soccer* do Brasil (CSBS), além de ter pertencido ao quadro de árbitras de Futsal da Federação Internacional de Futebol (FIFA), no período entre janeiro de 2007 e dezembro de 2017. Atualmente, é instrutora da CONMEBOL e árbitra da Confederação Brasileira de Deficientes Visuais (CBDV).

O início do trabalho como árbitra, conforme já mencionado, ocorreu em 1998, com crianças e adolescentes em João Pessoa (PB), antes mesmo de realizar o curso de árbitra pela FPF, na Copa Esporte Ação. Várias árbitras iniciaram sua atuação dessa forma, em competições menores, regionais, com crianças e adolescentes, como é o caso de Alane Lucena, Ana Paula Cerqueira, Fernanda Feijão, Márcia Vieira, entre outras.

Após a sua formação, Renata apitou diversas competições no seu estado – a primeira foi no Festival de Abertura do Campeonato Adulto na cidade de Guarabira (PB), competição masculina adulta. Em 2000, ela entrou para o quadro nacional de arbitragem da CBFS, arbitrando sua primeira competição nacional em 2004, em Belém (PA), na Taça Brasil de Seleções, feminino adulto.

A entrada para o quadro internacional de Futsal da FIFA foi no início de 2007. Renata conta que, no final de 2006, recebeu o escudo da FIFA, em meio a um jogo que estava arbitrando em João Pessoa, com o colega Deilton Soares, ainda como árbitra da FPF. A partir de então, seus caminhos começaram a mudar, como nos conta:

Fui me aperfeiçoando, fui me aperfeiçoando e a... vamos dizer que a pessoa que criou o Departamento Feminino, que idealizou, que sonhou, que brigou pelas mulheres, a Inês dos Santos, começa a ver a possibilidade de que eu me daria muito bem na cidade de São Paulo como árbitra, né? Vamos dizer assim que, de uma certa forma ela apostou no meu futuro. “Nossa, você tem capacidade. Por que você não

---

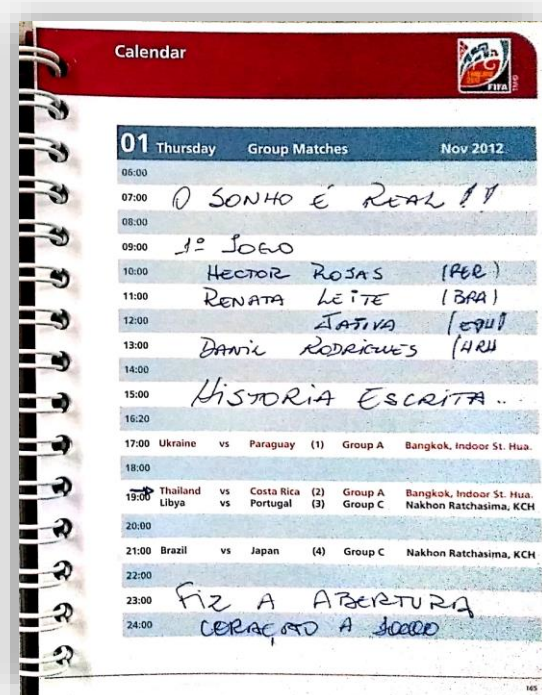
<sup>38</sup> MENEZES. Entrevista de Patrícia Guedes Menezes, p. 48.



vai morar em São Paulo?” Mas como todo bom nordestino, sair de casa, da casa de mainha [risos], não era fácil. Então eu me saí durante alguns anos, depois da minha primeira competição, e em 2008, eu decido me transferir pro estado de São Paulo.<sup>39</sup>

Antes de se mudar para São Paulo, Renata morava com a família e mantinha-se arbitrando alguns campeonatos de base e com a ajuda da mãe. Depois de se tornar federada, passou a arbitrar competições promovidas pela Federação. Ao receber o escudo nacional e internacional, podia arbitrar, também, competições nacionais e internacionais, respectivamente.

Chegando a São Paulo, já com o escudo FIFA, a árbitra continuou seu trabalho e seu aprimoramento. Um momento de grande destaque e emoção em sua trajetória foi a atuação no Campeonato Mundial de Futsal Masculino da FIFA, em novembro de 2012, na Tailândia, quando foi a primeira mulher a arbitrar nesse campeonato. Trata-se de uma conquista, “um sonho”, como anota Renata em sua agenda do evento. A árbitra destaca a sua atuação no primeiro jogo, entre Tailândia e Costa Rica, e na disputa do terceiro lugar, entre Itália e Colômbia.



Event Guide FIFA (Agenda Oficial do Mundial).  
Fonte: Acervo pessoal de Renata Leite.

<sup>39</sup> LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 8.

Em uma notícia, no site oficial da FIFA, em 1º de novembro de 2012, comentou-se a participação de Renata, conforme segue:

Charme feminino: A natureza rígida dos jogos internos, juntamente com fortes ataques e a atmosfera ardente, costumam tornar as partidas de futsal assuntos acirrados. A influência feminina pode, portanto, às vezes ter um efeito calmante sobre os jogadores. E assim foi no confronto entre a Tailândia e a Costa Rica, quando uma árbitra comandou pela primeira vez uma Copa do Mundo de Futsal da FIFA. A brasileira Renata Leite não só supervisionou o jogo impecavelmente ao lado de seus colegas homens, mas sua estreia em Bangkok foi também para os livros de história do futsal (tradução livre).<sup>40</sup>

Como temos observado, na história da atuação das mulheres no esporte,<sup>41</sup> características hegemonicamente relacionadas ao feminino, como no trecho acima, ainda são reforçadas nesses ambientes de atuação das mulheres. Por que se falar em “charme” ou “influência feminina” com “efeito calmante”? Isso exemplifica que, mesmo nas atuações em alto nível profissional, as questões de gênero ainda embasam a atuação das mulheres, influenciando no julgamento de seu trabalho.

Nesse mundial, Renata estava cotada para apitar a final. Porém, a seleção brasileira de futsal masculino chegou à final, impossibilitando sua escalação. Assim, ela apitou a decisão do terceiro lugar.

Este feito da trajetória de Renata, e mais amplamente da arbitragem feminina, foi percebido por Vitorino Rodrigues, instrutor de arbitragem da Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe (CONCACAF) daquele Mundial, após a ela ter arbitrado a decisão. Renata narrou o ocorrido em sua entrevista:

---

<sup>40</sup> Original: “Feminine charm: The tight nature of indoor games, coupled with strong tackles and the fiery atmosphere often make futsal matches heated affairs. A female influence can therefore sometimes have a calming effect on the players. And so it was in the fixture between Thailand and Costa Rica, when a female referee was in charge for the first time at a FIFA Futsal World Cup. Not only did Brazilian Renata Leite oversee the game impeccably alongside her male colleagues, her outing in Bangkok was also one for the futsal history books”. Notícia em: <https://fifa.fans/2RNiYid>. Acesso em 10 out. 2020.

<sup>41</sup> FURLAN, SANTOS. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade; JAEGER, GOELLNER. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo; MINA. “Macho varón sin pepa”. Identidades de gênero na prática esportiva do futsal; SANTOS. As mulheres árbitras de futebol: um estudo sobre poder, diferenças físicas entre os sexos e influências socioeducativas e culturais.

Terminou o jogo, fui pro camarim, tomei banho, troquei de roupa, coloquei o terno e me sentei na cadeira do camarim de cabeça baixa e aí eu não me contive mais, porque aí, realmente, nesse momento, eu acho que a ficha caiu... Os treinos fortes e as dificuldades no Mundial, as dificuldades com a língua, alimentação – eu já tinha perdido sete quilos, desde que eu tinha chegado lá [...]. De cabeça baixa comecei a chorar e as lágrimas começavam a pingar no chão e de repente apareceu, no meio de minhas pernas, dois sapatos sociais [...]. Vitorino... Ele parou, eu levantei a cabeça, ele olhou pra mim e ele fez assim: “Chore! Chore! Ponha pra fora, porque você é merecedora de tudo isso. Você pode colocar pra fora todas as suas emoções agora, porque o que você fez, você ainda não tem noção, mas você deu um grande passo no cenário feminino. Você deu um grande passo pra arbitragem. Você deu um grande passo no futsal. Pode colocar pra fora!” Aí eu me levantei, me abracei com ele e aí foram muitas e muitas lágrimas...<sup>42</sup>

Esse trecho revela-nos tanto os processos e as condições que levaram Renata a esse acontecimento quanto o valor que isso teve no cenário mundial. Estar no Mundial e apitar uma decisão foram conquistas de espaço, não só para Renata, mas para todas as mulheres.



Medalha FIFA – Renata Leite, árbitra da disputa de 3º lugar no Mundial da Tailândia, 2012. Fonte: Acervo pessoal de Renata Leite.

<sup>42</sup> LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 30-1.

Nesse mesmo evento, Renata foi eleita a segunda melhor árbitra do mundo pela Agla Futsal Awards,<sup>43</sup> concorrendo com mais nove árbitros<sup>44</sup> – essa é a maior premiação do futsal mundial e é organizada pelo site Futsal Planet.<sup>45</sup> Vejamos o significado desse prêmio, nas palavras de Renata:

A questão de ser a segunda melhor árbitra do mundo... é muito bom porque é o reconhecimento do trabalho que você fez. Então você vai lá, faz um trabalho e aí você fica se perguntando: “Será que foi bom? Será que não foi? Será que foi bom? Será que não foi?” Ah, mas seus superiores disseram que foi bom [...]. Aí esse título que vem, ele vem pelo reconhecimento de pessoas que estão fora dos bastidores, então você tem a certeza plena de que o trabalho que você fez ali foi um bom trabalho. Que você conseguiu mostrar pra todo mundo a capacidade técnica, a capacidade física, que você era uma boa árbitra, e outra coisa, você conseguiu mostrar para as outras pessoas que mulheres têm condições de estarem ali.<sup>46</sup>

Em 2014, Renata atuou como árbitra da FIFA no V Torneio Mundial de Futsal Feminino. Mais tarde, em 2018, como já mencionamos, torna-se instrutora de arbitragem pela CONMEBOL. Seu principal trabalho nos cursos é a padronização e o entendimento das regras para que todos(as) na arbitragem sigam com a mesma rigorosidade.

As conquistas não evitaram, contudo, momentos difíceis no esporte. Em 2017, no jogo da Final da Liga Paulista de Futsal, ocorreu uma dúvida de interpretação de um gol na prorrogação do jogo. As torcidas enfrentaram-se e muitas brigas ocorreram no campo e fora dele. Tal fato afastou Renata das quadras de outubro a dezembro de 2017.

Pequenos afastamentos, né? Depois da confusão do jogo entre Magnus e Corinthians, em 2017... O jogo acho que foi vinte e dois, vinte e três de outubro. Depois disso eu pedi afastamento da Federação até o final do ano. Eu tava bem cansada, bem saturada com tudo que tava acontecendo e a repercussão desse jogo não foi muito boa. Eu recebi ameaça, né? Facebook, Messenger... essas coisas, então eu acabei dando uma pisada no freio...<sup>47</sup>

---

<sup>43</sup> Realizado desde 2000, o Agla Futsal Awards é uma premiação anual independente da FIFA, que escolhe e premia os melhores do mundo em diversas categorias (jogadores/as, treinadores/as, árbitros/as, dentre outros/as), através de um colegiado formado por jornalistas e personalidades da área.

<sup>44</sup> A classificação: 1º Fernando Gutierrez Lumbreras (Espanha); 2º Renata Neves Leite (Brasil); 3º Marc Birkett (Inglaterra); 4º Gabor Kovacs (Hungria); 5º Danijel Janosevic (Croácia); 6th - Eduardo Fernandes Coelho (Portugal); 6º Ivan Shabanov (Rússia); 8º Hector Rojas (Peru); 9º Nurdin Bukuev (Quirguistão); 10º Scott Kidson (Austrália). Ver mais em: <http://awards.futsalplanet.com/voting>.

<sup>45</sup> Disponível em: <http://www.futsalplanet.com/>. Acesso em: 3 mar. 2019.

<sup>46</sup> LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 27.

<sup>47</sup> LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 12.

Infelizmente, como percebemos nas entrevistas realizadas e em outras publicações acadêmicas e jornalísticas, essas manifestações são recorrentes e têm culminado em agressões físicas a árbitros(as) no futsal e no futebol,<sup>48</sup> tanto em competições amadoras quanto em profissionais. Os noticiários esportivos publicitam episódios dessa natureza com alguma frequência. Renata prefere se lembrar e registrar boas lembranças, mas aponta que agressões verbais da torcida para árbitras e árbitros são uma constante em seus trabalhos.<sup>49</sup>

Renata considera que, ao longo de sua trajetória profissional, foi mudando sua forma de atuação, tornando-se mais tranquila.

Então a maneira da Renata trabalhar nesses vinte e um anos de carreira, mudou muito. Eu era um bicho muito bruto [riso], né? Eu era como o povo diz: “cabra da peste, mesmo!” Daquela que não andava com o cartão vermelho na cintura, eu andava com uma peixeira quarenta polegadas<sup>50</sup> mesmo, ali na cintura e... brincou, não leu [risos], o pau comeu. Ia lá e metia mesmo... E com o passar do tempo eu fui vendo que existem formas e formas de você expulsar alguém, né? Você pode expulsar alguém com um vermelho ríspido, no meio da testa, e você pode olhar para ele e ele simplesmente, pelo seu semblante, olhar para você e dizer assim: “Desculpa, professora. Eu errei. Já tô saindo”.<sup>51</sup>

Um ponto importante dessas mudanças foi a criação do Quadro Nacional de Árbitras em 2002, como destacou Renata:

Então com a chegada do quadro nacional, a gente começa a fazer uma padronização e um trabalho de melhoria com essas árbitras, individualmente, para que elas se tornem, como é que eu posso dizer, multiplicadoras. Então elas acabam evoluindo nas competições e passando isso mais a diante em seus estados.<sup>52</sup>

---

<sup>48</sup> Como em 2019 ocorreu com as árbitras Leidiane Nunes de Albuquerque (RUEL. Árbitra é agredida em campo e perde a memória) e Eliete Fontenele (MENDES; MORAIS. Árbitra agredida com socos revela como está um ano após sofrer trauma: “Deixou uma ferida”). O tema também é abordado por BIANCHI; MARÍN MONTÍN. Árbitras y violencia en el deporte: tratamiento televisivo en Brasil y España; PAIM. Violência Contra a Mulher no Esporte sob a Perspectiva de Gênero; e ANTUNOVIC. “A Female in a Man’s World”: New-Media Discourse around the First Female NFL Referee.

<sup>49</sup> Assim como apontado também por: BURIM; OLIVEIRA. Análise do nível de estresse dos árbitros de futsal da região de Londrina, Paraná.

<sup>50</sup> Utiliza a expressão em sentido figurado, comparando ao cartão.

<sup>51</sup> LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 21.

<sup>52</sup> LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 22.

As mudanças apontam para uma melhoria nas condições de trabalho, embora o trabalho na arbitragem, para muitas mulheres e, também, para os homens, não seja a principal fonte de renda. A maioria das árbitras nordestinas por nós entrevistadas<sup>53</sup> possui uma profissão paralela às atividades de arbitragem: são profissionais autônomas, professoras das redes privada e pública de ensino, funcionárias públicas e médica veterinária. Alane Lucena, corroborando tal constatação e exemplificando regionalmente a problemática exposta, relatou, ao *Diário do Nordeste*, que “não dá para sobreviver sendo profissional de futsal no Nordeste. A arbitragem no salonismo não passa de uma atividade extra. Trabalha-se em outras atividades diurnas e somente apita-se à noite ou nos fins de semana”.<sup>54</sup>

Ao perguntarmos sobre sua profissão, Renata foi uma exceção entre as entrevistadas, ao perguntarmos sobre sua profissão ela afirma: “sou árbitra de futsal”.<sup>55</sup> Alguns pontos da trajetória de Renata ajudam-nos a entender essa possibilidade: dedicação, competência e busca por formação, oportunidades aproveitadas, apoio familiar, ida para São Paulo. As dificuldades em estados fora do eixo Sul-Sudeste, segundo nossas entrevistadas, são maiores, tanto pelo número de competições existentes como pelo apoio dado a esses eventos. Vale ressaltar que essas dificuldades não atingem apenas o futsal, o Nordeste e a arbitragem. No Brasil, algumas modalidades têm uma valorização maior e estruturação, mas a maioria tem apenas ações pontuais<sup>56</sup> do COB e do Ministério do Esporte (Extinto).

Até o momento, ainda são poucos os estudos sobre a arbitragem e sua forma de manutenção. Árbitras e árbitros precisam estar bem física e mentalmente,<sup>57</sup> para isso dependem de treinamento especializado e tempo disponível. Na questão física, as árbitras internacionais, geralmente, são acompanhadas por nutricionistas e por *personal trainer*. Os custos com tais profissionais são bancados pelas próprias oficiais de arbitragem. Gastos, como deslocamentos e uniformes, são supridos pelas instituições que as convocam

---

<sup>53</sup> Entrevistamos 11 árbitras nordestinas.

<sup>54</sup> Recorte de jornal presente no acervo pessoal de Alane Lucena, sem data.

<sup>55</sup> LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 2.

<sup>56</sup> MEIRA; BASTOS; BOHME. Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil: um estudo preliminar.

<sup>57</sup> HORTMANN; MARTINS. Variáveis antropométricas de árbitros de futsal de Guarapuava. BURIM; OLIVEIRA. Análise do nível de estresse dos árbitros de Futsal da região de Londrina-PR.

(CBFS ou FIFA), assim como as refeições e hospedagem durante o período das competições nas quais estão atuando. As oficiais que atuam em federações estaduais, no Brasil, compram seu vestuário de atuação e objetos de uso pessoal (cartões, apitos, cronômetros, entre outros).

O que a trajetória de Renata nos ajuda a ilustrar é que, além das questões estruturais do esporte no Brasil, ao se olhar para o dia a dia de trabalhadoras(es) do esporte, diversos grupos ainda enfrentam outras barreiras, como: as desigualdades regionais, os preconceitos de gênero e o autofinanciamento de suas atividades preparatórias. Para poucas/os, essas barreiras são transponíveis, mas existem custos pessoais e profissionais para isso. Com certeza, a trajetória de Renata auxilia na visualização de possibilidades, como veremos na seção que segue.

#### **REPRESENTATIVIDADE: OS DESAFIOS DE SER O QUE SE É**

Na trajetória de Renata, uma questão que nos chamou atenção foi a representatividade: primeiro, porque ela se motivou ao ver duas árbitras atuando; segundo, sua atuação traz essa representatividade ao esporte, necessária por ser um espaço tão marcado pelos embates de gênero; terceiro, devido a sua representação enquanto árbitra nordestina, já que o futsal se mostra mais desenvolvido nas regiões Sul e Sudeste.

Então, ao analisar essa parte de sua vida, visualizamos o que Rocha denomina de “teto de vidro” –<sup>58</sup> aqui entendido como a barreira artificial e invisível que impede o acesso de mulheres a cargos de liderança e hierarquia superior, considerados inatingíveis para elas – para externar essas situações de submissão e invisibilidade feminina em espaços historicamente definidos como masculinos. Essa metáfora ajuda a visualizar a dificuldade de inserção e ascensão feminina na carreira de árbitra esportiva. Nascimento e Nunes ratificam tal dificuldade quando assim explicitam:

---

<sup>58</sup> “O “teto de vidro” é uma expressão já consagrada nos estudos de gênero e da mulher. Diz respeito àqueles postos-chave na hierarquia superior das empresas e instituições, considerados como ainda não ultrapassáveis pelas mulheres. Não tem a ver com falta de habilidade e capacidade das mulheres, mas com o simples fato de que são mulheres. Esse termo foi cunhado pelo *Wall Street Journal*, em 1985” (ROCHA, Gênero em ação: rompendo o teto de vidro?, p. 31).

O significado do que venha a ser sujeito-árbitro tem relação com construções discursivas históricas, sociais e culturais... Aquele que se aventurar por essa vereda profissional sabe bem os discursos que lhes são dirigidos quanto a sua eficiência e caráter. Para as mulheres isso vai além. Elas têm que enfrentar outras formas de significação, que envolvem a produção da identidade e da diferença. A presença da mulher nesse cenário amplia as formas de marcação da diferença.<sup>59</sup>

Renata Leite contextualiza, através de seu relato, esse desbravar de espaços socialmente balizados como de homens e cujo acesso e permanência de mulheres demandam resiliência e foco:

As mulheres hoje, elas têm mostrado capacidade de assumir determinadas... Cada vez mais funções diferentes dentro do futebol – e não é uma questão só de futsal, é do futebol em geral. Então essa avaliação tem sido muito positiva com o passar dos anos, porque a gente tem buscado cada vez mais o nosso espaço, independente de qual seja a opinião da sociedade ou a opinião... “Ah, aquele esporte é único e exclusivamente masculino, mas tem uma treinadora”. [...] “Porque são boas no que fazem”. Não importa se dentro de um clube onde só tem categorias masculinas ou dentro de um clube onde só se trabalha com mulher. O que importa é a sua capacidade.<sup>60</sup>

Renata, assim, participa da ação de “meninas e mulheres criando brechas para superar os preconceitos e, a partir de decisões individuais, construir trajetória vitoriosa na história esportiva brasileira”.<sup>61</sup> A árbitra Renata ilustra essa batalha diária de comprovação de capacidade na condução de jogos de futsal: “[...] porque você sempre tem que tá provando, provando, provando que pode, sabe? Que consegue... Você mata um leão a cada dia e parece que isso não é suficiente e você tem que matar mais e mais”.<sup>62</sup> Para as mulheres, em esportes considerados “masculinos”, como os diversos futebóis, essa batalha ainda ganha outros contornos, já que nesses espaços é comum comentários relacionados a: “não ser um local para mulheres”, “lugar de mulher é na cozinha”, bem como à sexualização dos seus corpos.<sup>63</sup> Ou seja, a questão da sua competência no trabalho é questionada e perpassada por diversos outros marcadores.

---

<sup>59</sup> NASCIMENTO; NUNES. A mulher árbitra de futsal: entre a norma e a resistência, p. 214.

<sup>60</sup> LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 26-27.

<sup>61</sup> MOURÃO. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas, p. 137.

<sup>62</sup> LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 34.

<sup>63</sup> ANTUNOVIC. “A Female in a Man’s World”: New-Media Discourse around the First Female NFL Referee.



Isso também tem relação com o fato de ser da região Nordeste do País. Ao perguntarmos sobre o que era ser uma árbitra nordestina, Renata respondeu assim:

É ser como diz o ditado da minha terra [risos]. “É ser mulher macho sim, senhor. É ser cabra da peste!” É ressaltar que a nossa, a nossa vida não é fácil desde o momento em que nós nascemos, porque é uma região sem água e sofrida e nós somos sobreviventes, mas que mesmo passando por tudo isso, a gente não perde o brio, a gente não perde a vontade de lutar, a gente não perde a alegria [risos]. Então ser árbitra nordestina é isso: é saber que todo dia é uma luta, que você não pode desistir porque esse sentimento tá dentro de você. O nordestino, ele não desiste nunca. Ele é um lutador, ele é um sobrevivente e ter alegria porque mesmo com as dificuldades, as vitórias, elas virão.<sup>64</sup>

Ao falar sobre o trabalho das mulheres, Renata aponta o estado do Paraná como referência na valorização desse trabalho, ao colocar as árbitras para apitar partidas importantes também de homens. Segundo ela, “Então *isso* faz com que as pessoas que estejam de fora, as mulheres que estejam de fora digam: ‘Opa! Aqui vale a pena, porque se eu fizer o curso, se eu vier trabalhar, os caras vão apoiar!’”.<sup>65</sup> E complementa, ainda, ser necessário:

valorizar o quadro feminino independente do estado ou da região que esteja colocando-a para questão de vitrine também. Se você mostra que existe, aparecem novas; se você esconde, não aparecem novas porque ninguém sabe que existe. [...] Tem que ser uma *boa árbitra*, uma árbitra com condições técnicas, com condições físicas, com condições táticas, com condições emocionais de estar ali. Então, para fomentar isso você precisa trabalhar elas, vindo elas, trazendo-as da base até em cima e quando ela estiver pronta você precisa a deixar voar. Então você precisa proporcionar a ela oportunidades para que ela possa mostrar pra todo mundo que tem condição de trabalhar.<sup>66</sup>

Essa fala ajuda-nos a pensar que a representatividade e as condições de formação se complementam. E ainda temos um longo caminho para que meninas e mulheres tenham garantidas as possibilidades estruturais e simbólicas para se tornarem árbitras. A presença de Renata e das outras árbitras, como Ana Meire Santos e Alane Lucena, tem fortalecido o campo. E é necessário reconhecer, nesse sentido, que, no geral, a sociedade tem sido menos preconceituosa.

---

<sup>64</sup> LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 24.

<sup>65</sup> LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 25.

<sup>66</sup> LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 25.

A produção dessa identidade também é citada por Renata ao falar sobre a conquista de segunda melhor árbitra do mundo: “Então isso é muito bom porque a gente começa a ver que as mulheres tão aparecendo, não morreram ali em 2012. Elas... Ali em 2012 nós plantamos uma semente, ela tá sendo, ela foi regada, né, cresceu e agora tá dando novos frutos”.<sup>67</sup>

Eu acho que com a chegada das mulheres, é... Primeiro teve aquele choque cultural da questão de preconceito mesmo, de uma mulher tá dirigindo uma partida de futsal masculino, e com o passar dos anos esse preconceito veio caindo, porque elas começaram a mostrar que tinham qualidades iguais as dos homens e não deixavam nada a desejar. Então, com o passar do tempo a mudança que teve foi justamente essa, hoje as meninas chegam ao quadro, no cenário do futsal e elas têm uma aceitação muito maior em prol das que vieram anteriormente e conseguiram provar que tinham capacidade de estar ali.<sup>68</sup>

Renata junta-se às demais e reconhece que teve muitas pessoas que a auxiliaram em sua caminhada, como: Ivan Fernandes (árbitro paraibano, conhecido como Pitombão); Ana Lúcia (árbitra); Jaqueline Camarota; Paraguassu Fisher Figueiredo; Bosco Crispim; Hértton; Daniel Pomeroy (importante na composição dos quadros); e Inês. Seu trabalho, enquanto esteve nas quadras, foi executado com qualidade e profissionalismo e despertou o interesse de outras mulheres pela arbitragem. Agora, como instrutora CONMEBOL, busca subsidiar tecnicamente o trabalho de outras árbitras que atuarão em competições oficiais promovidas pela FIFA.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, ao longo deste estudo, contar e refletir sobre parte de uma vida. Seria impossível, em tão poucas páginas, contar mais do que uma versão dessa parte de vida. Porém, destacamos que essa parte biográfica nos revela muitas questões afeitas ao esporte e à nossa sociedade.

As mulheres, no geral, ainda enfrentam dificuldades e, para atuar em espaços como os apontados aqui, precisam ser melhores do que o necessário; tem

---

<sup>67</sup> LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 29.

<sup>68</sup> LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 22.

que provar a cada dia seu valor e a qualquer descuido podem perdê-lo. Além disso, ainda precisam lidar com as características que esperam que elas tenham, o que, por vezes, desestimula e enfraquece seu trabalho.



Renata Leite arbitrando no Mundial da Tailândia, 2012.  
Fonte: Acervo pessoal da árbitra Renata Leite.

Torna-se importante, nesse contexto, conhecer histórias como a de Renata, para visibilizar essas mulheres, para pensar sobre nossa sociedade, para desnaturalizar essas características e para produzir um futuro com menos preconceito. A representatividade aponta opções que, às vezes, parecem impossíveis, mas que, ao se materializarem, transforma-se em possibilidades.

Renata tem muitos aspectos em comum com outras árbitras, outras pessoas envolvidas com o esporte, outras mulheres, mas é única. Esperamos que este texto contribua para mais pesquisas que visibilizem mulheres no esporte e mostre a importância da representatividade e da desconstrução de diversos preconceitos.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral?** Possibilidades para além da construção do passado. Rio de Janeiro: CPDOC, 1996. 8 f. Disponível em: <https://bit.ly/2ThYr5Z>. Acesso em: 15 out. 2020.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 155-202.
- ANTUNOVIC, Dunja. "A Female in a Man's World": New-Media Discourse around the First Female nfl Referee. **Journal of Sports Media**, v. 9, n. 2, p. 45-71, 2014.
- BIANCHI, Paula; MARÍN MONTÍN, Joaquín. Árbitras y violencia en el deporte. tratamiento televisivo en Brasil y España. In: **Anais do Congresso da International Association of Media and Communication Research**, 2019.
- BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 203-34.
- BURIM, Murilo Luiz; OLIVEIRA, Arli Ramos de. Análise do nível de estresse dos árbitros de futsal da região de Londrina, Paraná. **Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 10, n. 38, p. 252-261, set./out./nov./dez. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2QNSOvk>. Acesso em: 15 out. 2020.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- FURLAN, Cássia Cristina; SANTOS, Patrícia Lessa dos. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 30, p. 28-43, dez. 2009.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3fgmZ2P>. Acesso em: 15 out. 2020.
- HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. **Revista Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, p. 41-60, 1997.
- HORTMANN, Karin; MARTINS, Marcos Vinicius. Variáveis antropométricas de árbitros de futsal de Guarapuava. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 5, n. 15, p. 15-21, 2013.
- JAEGER, Angelita Alice; GOELLNER, Silvana Vilodre. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Estudos Feministas**, p. 955-975, 2011.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, 1995.
- MACEDO, Christiane Garcia; GOELLNER, Silvana Vilodre. Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da Educação Física e esportes no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 21, n. 3, p. 157-165, 2013.

MEIRA, Tatiana de Barros; BASTOS, Flávia da Cunha; BOHME, Maria Tereza Silveira. Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil: um estudo preliminar. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 251-262, 2012.

MENDES, Tiago; MORAIS, Renan. Árbitra agredida com socos revela como está um ano após sofrer trauma: “Deixou uma ferida”. **Globo Esporte Piauí**, Parnaíba e Teresina, 04 jun. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/3yyOTnc>. Acesso em: 17 maio 2021.

MINA, Cláudia Yaneth Martínez. “Macho varón sin pepa”. Identidades de gênero na prática esportiva do futsal. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2015, Vitória. **Anais do XIX CONBRACE**, 2015, p. 1-3.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 13, p. 5-18, 2000.

MOURÃO, Ludmila. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas. In: SIMÕES, A. C. (Org.). **Mulher e esporte: mitos e verdades**. São Paulo: Manole, 2003.

NASCIMENTO, Aline Santos; NUNES, Mário Luiz Ferrari. A mulher árbitra de futsal: entre a norma e a resistência. **Intersecções: revista de estudos interdisciplinares**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 197-219, jun. 2014.

PAIM, Maria Cristina Chimelo. **Violência contra a mulher no esporte sob a perspectiva de gênero**. [Tese]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POSSING, Birgitte. Biography: Historical. **I International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**, v. 2, p. 1213-1217, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/3bRVcbD>. Acesso: 12 set. 2020.

ROCHA, Cristina Tavares da Costa. **Gênero em ação: rompendo o teto de vidro?**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/34dhP6n>. Acesso em: 15 out. 2020.

RUEL, Renata. Árbitra é agredida em campo e perde a memória. **ESPN**, 27 nov. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3fjk4eM>. Acesso em: 17 maio 2021.

SANTOS, Ineildes Calheiros. As mulheres árbitras de futebol: um estudo sobre poder, diferenças físicas entre os sexos e influências socioeducativas e culturais. **Seminário Interlinhas**, Alagoinhas, v. 3, n. 1, p. 81-90, 2015.

TOGNOLI, Natália Bolfarini; BARROS, Thiago Henrique Bragato. As implicações teóricas dos arquivos pessoais: elementos conceituais. **Ponto de Acesso**, v. 5, n. 1, p. 66-84, 2011.

## ENTREVISTAS

FIGUEIREDO, Paraguassu Fisch de. **Entrevista concedida por Paraguassu Fisch de Figueiredo ao Projeto Garimpando Memórias**. Entrevistadora: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UNIVASF, UFRGS, Salvador (BA), 07 abr. 2019. 22 p.

LEITE, Renata Neves. **Entrevista concedida por Renata Neves Leite ao Projeto Garimpando Memórias**. Entrevistadora: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UNIVASF, UFRGS, Sorocaba (SP), 25 maio 2019. 34 p.

LUCENA, Alane. **Entrevista concedida por Alane Lucena ao Projeto Garimpando Memórias**. Entrevistadora: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UNIVASF, UFRGS, João Pessoa (PB), 05 jun. 2019. 78 p.

MENEZES, Patrícia Guedes. **Entrevista concedida por Patrícia Guedes Menezes ao Projeto Garimpando Memórias**. Entrevistadora: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UNIVASF, UFRGS, Fortaleza (CE), 19 jul. 2019. 54 p.

SANTOS, Inês dos. **Entrevista concedida por Inês dos Santos ao Projeto Garimpando Memórias**. Entrevistadora: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UNIVASF, UFRGS, São Paulo (SP), 25 maio 2019. 22 p.

\* \* \*

Recebido para publicação em: 15 out. 2020.  
Aprovado em: 25 abr. 2021.